

# A ausência de rituais fúnebres na pandemia da Covid-19: um olhar da psicologia analítica

**Ellen Lavínia de Souza FRANCO<sup>1</sup>**

**Victor Hugo Sampaio ALVES<sup>1</sup>**

<sup>1</sup>Universidade do Vale do Sapucaí – UNIVÁS. Pouso Alegre/MG, Brasil.

## Resumo

Esta pesquisa teve como objetivo principal o estudo da função psíquica dos rituais fúnebres, destacando sua importância no processo de luto e investigando os efeitos da ausência dessas cerimônias durante a pandemia da Covid-19. Para tal, foram analisados dois artigos científicos e uma dissertação acadêmica contendo relatos de familiares enlutados naquele período, com base na psicologia analítica de Carl Gustav Jung e em suas concepções sobre símbolo e arquétipo, além das contribuições de outros autores que abordam a morte e o luto. A análise desses relatos permitiu compreender como a ausência de ritualização compromete a simbolização do que não pode ser expresso em palavras, dificultando a elaboração do luto, e evidenciou como os elementos simbólicos favorecem a compreensão da perda e a transformação psíquica. Como conclusão, demonstrou-se a relevância dos rituais fúnebres para a saúde psíquica dos enlutados, especialmente em contextos críticos como o da pandemia, e ressaltou-se o papel da psicologia analítica para a interpretação dos impactos psíquicos da ausência de ritualização, constatando a importância do símbolo na sociedade moderna, onde a desmaterialização das experiências de morte e de luto ameaça comprometer a elaboração emocional e a construção de sentidos.

## Conflito de interesses:

Os autores declararam não haver nenhum interesse profissional ou pessoal que possa gerar conflito de interesses em relação a este manuscrito.

## Financiamento:

Programa Institucional de Iniciação Científica – PIBIC/Univás - Edital n. 009/2024.

## Descritores

ritos de morte; símbolos, psicologia junguiana; morte, luto.



Recebido: 02 jun 2025; Última revisão: 06 out 2025; Aprovado: 11 nov 2025; Aprovado para publicação: 26 jan 2026.

## The Absence of Funerary Rituals in the Covid-19 Pandemic: A Perspective from Analytical Psychology

### Abstract

The primary objective of this research was to examine the psychological function of funeral rituals, highlighting their significance in the grieving process and exploring the impact of their absence during the COVID-19 pandemic. To this end, two scientific articles and one academic dissertation containing reports from bereaved family members during that period were analyzed, based on Carl Gustav Jung's analytical psychology and his concepts of symbol and archetype, as well as contributions from other authors addressing death and grief. The analysis of these reports revealed how the lack of ritualization compromises the symbolization of what cannot be expressed in words, hindering the elaboration of grief. It highlighted how symbolic elements favor the understanding of loss and psychic transformation. In conclusion, the relevance of funeral rituals to the bereaved's psychic health was demonstrated, especially in critical contexts such as the pandemic. Furthermore, the role of analytical psychology in interpreting the psychic impacts of the absence of ritualization was emphasized, highlighting the importance of symbols in modern society, where the dematerialization of death and grieving experiences threatens to compromise emotional elaboration and the construction of meaning.

### Descriptors

death rites, symbol, junguan psychology, death, grief.

## La ausencia de rituales fúnebres en la pandemia de Covid-19: una mirada de la psicología analítica

### Resumen

El objetivo principal de esta investigación fue estudiar la función psíquica de los rituales fúnebres, destacando su importancia en el proceso de luto y examinando los efectos de la ausencia de estas ceremonias durante la pandemia de Covid-19. Para eso, se analizaron dos artículos científicos y una tesis doctoral con relatos de familiares enlutados en dicho período, con base en la psicología analítica de Carl Gustav Jung y en sus concepciones sobre símbolo y arquetipo, además de las contribuciones de otros autores que escriben sobre la muerte y el luto. El análisis de esos relatos permitió comprender cómo la ausencia de rituales compromete la simbolización de lo que no puede ser expresado

con palabras, dificultando la elaboración del luto, y puso en evidencia cómo los elementos simbólicos favorecen la comprensión de la pérdida y la transformación psíquica. En la conclusión se demostró la relevancia de los rituales fúnebres para la salud psíquica de los enlutados, especialmente en contextos críticos como el de la pandemia, y subrayó el papel de la psicología analítica para la interpretación de los impactos psíquicos de la ausencia de ritualización, constatando la importancia del símbolo en la sociedad moderna, donde desmaterializar las experiencias de muerte y luto amenaza comprometer la elaboración emocional y la construcción de sentido.

**Descriptores:**

ritos de muerte; símbolo; psicología junguiana; muerte, luta.

## Introdução

**Ao longo de toda a história**, o homem sempre enfrentou diversas adversidades em todos os âmbitos da vida, como guerras, escassez de alimentos, crises climáticas, etapas do ciclo vital e doenças, e, em cada uma delas encontrou formas de elaboração, ou seja, maneiras de persistir e aprender para continuar. Essas formas não se reduzem apenas a meios físicos ou externos, e englobam os mecanismos da psique que auxiliam na vivência e na atribuição de novos significados às experiências humanas.

Sabe-se que a prática de rituais e a execução de cerimônias são características presentes em todas as culturas (Eliade, 1963/1972). Mesmo que atualmente muitos tenham perdido seu caráter sagrado, o cotidiano contemporâneo ainda é marcado por ritos com valor psíquico, sobretudo para atravessar etapas da vida e momentos de dificuldade.

A morte é um tema incontornável para todos. Desde os tempos mais remotos, figura como uma das experiências mais impactantes enfrentadas pelo ser humano. Cada civilização atribui-lhe significado e forma de relação próprios; entretanto, em contextos de múltiplos óbitos simultâneos, como guerras, epidemias, pandemias ou desastres climáticos, a morte evidencia-se de modo extremo. Tais situações geram grande instabilidade psíquica, abalando o cotidiano e provocando dor e temor tanto pela perda de entes queridos quanto pelo risco à própria vida.

Durante a pandemia da Covid-19, iniciada em Wuhan, China, em dezembro de 2019, e declarada emergência de saúde pública pela Organização Mundial da Saúde (OMS) em janeiro de 2020, o mundo passou por profundas transformações (". Em março de 2020, a doença foi classificada como pandemia devido à rápida

disseminação (World Health Organization [WHO], 2020). Como resposta, adotaram-se medidas de contenção, como distanciamento social, fechamento de escolas, suspensão do transporte público e proibição de aglomerações (Ministério da Saúde [MS], 2020).

Além da crise epidemiológica, instaurou-se uma crise psicológica, pois a pandemia trouxe perdas de vidas humanas, empregos, vínculos sociais e rotinas, dando lugar a diferentes formas de luto em larga escala (Giamattey, 2020). Houve, portanto, um luto coletivo: muitas mortes simultâneas, com familiares frequentemente sem informações sobre o estado de seus entes nas unidades de terapia intensiva (UTIs). Medidas sanitárias impediram que muitos vissem o corpo do falecido ou realizassem rituais fúnebres de despedida.

Aniela Jaffé et al. (1980), em "A morte à luz da psicologia" (1980, p. 21), afirma que:

A tristeza de Jung quase nunca se voltava para o morto, mas para os sobreviventes. "Não posso ficar de luto por quem morreu" - escreveu certa vez numa carta -; "eles permanecem e nós vamos passando". Sua compaixão dirigia-se aos sobreviventes, "àqueles que percebem a transitoriedade da vida, tendo de suportar as despedidas, o sofrimento e a solidão no transverso do tempo". Uma pessoa é arrebatada para longe, e o que resta é o silêncio mortal e gélido (Jaffé, 1980, p. 21, destaque do autor).

Essa passagem mostra que a morte deixa marcas profundas na psique dos que permanecem e reforça a necessidade de rituais para a elaboração do luto.

## Metodologia

O presente estudo situa-se no campo da pesquisa qualitativa de caráter exploratório, por possibilitar a compreensão dos significados, valores, crenças e atitudes que permeiam os rituais fúnebres e o processo de luto. Essa abordagem não busca generalizações, mas a apreensão do fenômeno em sua singularidade, priorizando a compreensão do sentido atribuído pelos sujeitos. Nesse contexto, a intersubjetividade constitui critério científico central, uma vez que o conhecimento emerge da relação dialética entre sujeito e objeto (Minayo, 1993/2007).

A análise foi conduzida sob o viés da psicologia analítica de Carl Gustav Jung e de outros autores junguianos, com ênfase nos símbolos e processos psíquicos envolvidos nos rituais e no luto.

Como corpus de análise, foram utilizados relatos de familiares enlutados extraídos de dois artigos científicos (Cardoso et al., 2020; Dantas et al., 2020) e de uma dissertação de mestrado (Giamattey, 2020), obtidos a partir de buscas em bases de dados como SciELO e Google Scholar, utilizando os descritores “rituais fúnebres”, “luto” e “pandemia”. Esses relatos são contemplados ao longo do texto para subsidiar a reflexão teórica, ilustrando a articulação entre a psicologia analítica de Jung e os processos psíquicos relacionados à morte, ao luto e à ausência de ritualização fúnebre. As contribuições de Maria Júlia Kovács e de outros autores da psicologia foram mobilizadas de forma complementar, visando a contextualizar e ampliar a análise.

## Ritos e rituais

Os ritos e rituais são reconhecidos pela psicologia por seu caráter simbólico e sua expressão emocional na vida dos indivíduos e nas sociedades. O cotidiano das pessoas é marcado por ritualizações, representando etapas de ciclos que se deseja marcar e revelar. Os rituais são práticas compostas por símbolos que concretizam o que não pode ser verbalizado. Segundo o antropólogo Arnold Van Gennep (1909/2011), viver em sociedade implica passagens e estas passagens são ritualizações, ou seja, o desenvolvimento humano exige rituais em cada etapa da vida.

O rito é uma classe mais abrangente, como rito de separação ou de agregação, ao passo que o ritual é o aglomerado de representações e atitudes que compreende os ritos. Em linhas gerais, os ritos são uma ideia, uma representação mental socialmente compartilhada. Na psicologia analítica, entende-se como um continente de qualquer conteúdo ou fator psíquico de caráter dinâmico, que precisa ser executado ou ritualizado: esse processo é o ritual. Isto posto, os rituais são as atitudes, as cerimônias praticadas, mais em geral, a série de atos que serve de continente de alguma coisa que tem o caráter de disparidade (Pieri, 1998/2002).

Van Gennep (1909/2011), na obra “Os ritos de passagem”, faz uma classificação dos vários tipos de ritos. Ao longo do estudo, percebe-se que para cada categoria há vários tipos de rituais que a compõem; sob outra perspectiva, para cada tipo de ritual, há vários ritos que fazem parte da significação desse ciclo. A título de exemplo, os ritos de passagem são a forma de representar o término e o início de um ciclo. Dentro desses ritos, Van Gennep (1909/2011) descreve várias classes, como os ritos de separação ou agregação, que são a ideia psíquica de se realizar concretamente essa transformação. Assim, o ritual, como prática, é a ação a ser

executada, e cada cerimônia é composta por etapas, sendo cada etapa um rito específico a ser concretizado.

Nessa perspectiva, os rituais possibilitam, tanto no plano psíquico, quanto no prático, a expressão dos sentimentos mais profundos, visto que sua função é permitir simbolizar o que não pode ser revelado em palavras, ou seja, eles viabilizam a transformação dos conteúdos inconscientes em atos que os representam. Dessa forma, os rituais auxiliam o indivíduo a encarar as fases de sua vida e a compreender as várias formas de passagem que permeiam o cotidiano.

Além de todas essas funções e significações acerca dos rituais, para a psicologia analítica, rito e ritual são formas de expressão do inconsciente carregadas de simbolismo e de manifestações arquetípicas, com a função de viabilizar transformações psíquicas. Conforme Jung (1935/2017), ao se estudar a psicologia dos primitivos, entende-se que todos os fatos importantes da vida estão ligados a cerimônias elaboradas, cujo propósito central é libertar o homem do estágio precedente da resistência e ajudá-lo a transferir sua energia psíquica para a fase seguinte. Essa função simbólica dos rituais torna-se possível somente porque eles se fundamentam em imagens arquetípicas, que emergem do inconsciente e estruturam a experiência humana.

Os arquétipos são entendidos como possibilidades herdadas que habitam o inconsciente e ordenam elementos psíquicos, os quais formam determinadas imagens, chamadas de arquetípicas, e apenas podem ser reconhecidos pelos efeitos que produzem. O arquétipo, como ponto nodal invisível, repousa no inconsciente e não pertence ao âmbito psíquico do indivíduo, apenas depois de ser expresso pelo material psíquico individual e ganhar forma, ele torna-se psíquico e entra no espaço da consciência, expressando-se em forma de imagem (Jacobi, 1957/2016). A partir disso, Jung (1916/2014), na obra “Psicologia do inconsciente”, discorre sobre a experiência do arquétipo e sua manifestação na psique:

A experiência do arquétipo é frequentemente guardada como o segredo mais íntimo, visto que nos atinge no âmago. É uma espécie de experiência primordial do não eu da alma, de um confronto interior, um verdadeiro desafio. É compreensível que se procure socorro em imagens paralelas; o acontecimento original poderá ser reinterpretado de acordo com imagens alheias com a maior facilidade (Jung 1916/2014, p. 90, para. 119).

Portanto, o arquétipo em si ainda não faz parte da psique do indivíduo. Apenas quando for despertado pela energia psíquica, ele produzirá uma imagem arquetípica, que será conduzida à consciência e se manifestará, em sua maioria, como um símbolo;

este, por sua vez, pode ser entendido como um motor transformador de energia psíquica, que realiza a ponte entre o consciente e o inconsciente. Segundo Nise da Silveira (1968/2023):

Seja qual for sua origem, o arquétipo funciona como um nódulo de concentração de energia psíquica. Quando essa energia, em estado potencial, se atualiza, toma forma, então teremos a **imagem arquetípica**. Não poderemos denominar essa imagem de arquétipo, pois o arquétipo é unicamente uma virtualidade. ( . . . ) Nem toda imagem arquetípica é um símbolo por si só. Em todo símbolo está sempre presente a imagem arquetípica como fator essencial, mas, para construí-lo a essa imagem devem ainda juntar-se outros elementos (Silveira 1968/2023, p. 89, 91, destaque da autora).

Assim, o símbolo são os conteúdos que mobilizam significações para o indivíduo e, sendo essa ponte, carregam temas arquetípicos e individuais, logo, a expressão de conteúdos simbólicos terá como núcleo a imagem arquetípica e também questões/temas individuais e culturais.

Em razão disso, os ritos e rituais podem ser entendidos como simbolizações coletivas e como símbolos individuais, visto que, mesmo no coletivo, a maneira como cada sujeito se relaciona com o conteúdo simbólico, e o efeito disto, é individual e irá produzir uma forma de transformação. Conforme afirma Jolande Jacobi (1957/2016), em seu livro “Complexo, arquétipo e símbolo”, enquanto “imagem”, o símbolo tem um caráter evocatório e excita toda a natureza do homem para uma reação global, que produzirá efeitos em toda a psique.

No que se refere aos rituais fúnebres, eles determinam a transitoriedade da vida, a fim de delimitar um estado de enlutamento para legitimar o valor e a importância do ente que foi perdido, além de contribuírem para as mudanças de papéis e propiciarem a transição das etapas da vida (Cardoso et al., 2020). Assim, o ritual fúnebre transcende o tempo real da morte, com o objetivo de proporcionar um reconhecimento social desta, ou seja, o falecido precisa morrer socialmente para se ter a concretude da morte no nível psíquico e ritualizar essa passagem (Souza & Souza, 2019).

## **A função do ritual fúnebre no processo do luto e sua importância para o psiquismo**

Segundo a teoria já mencionada de Van Gennep (1909/2011), os rituais fúnebres são compostos de ritos de separação, de margem

e de agregação. Os ritos de separação têm a função de separar o morto da sociedade: o indivíduo já não faz mais parte da realidade concreta e, assim como cita Giamattey (2020), o ente tem que morrer para a família e para a cultura em que está inserido. Para os enlutados, de modo semelhante, o rito de separação marca o desligamento em relação ao ente querido e, enquanto não ocorre a agregação do morto ao pós-morte, permanece a sensação de suspensão, como se o falecido estivesse sem destino definido.

O rito de margem corresponde à etapa de transição do falecido: ele já não pertence ao convívio social e, por isso, encontra-se à margem. Nesse contexto, os rituais de agregação cumprem a função de reintegrar simbolicamente o morto ao domínio da pós-morte, permitindo aos vivos concretizar a passagem do falecido para a pós-vida, possibilitando a aceitação da nova realidade instaurada pela perda.

Durante a pandemia da Covid-19, como exposto, tornou-se impossível a realização dos rituais fúnebres, bem como o contato tangível e próximo com o ente falecido, o que gerou intensa angústia e sofrimento. Na perspectiva de Van Gennep (1909/2011), é como se os mortos permanecessem à margem e, consequentemente, os que ficaram também se vissem à deriva em seu luto. Esse aspecto pode ser ilustrado pelas seguintes passagens, que reúnem relatos de pessoas enlutadas: “Espero que não tenham nunca que ficar em casa inerte, enquanto o corpo do seu familiar está sendo cremado sem que nenhum parente possa se despedir ou homenagear (nora) (...)” (Cardoso et al., 2020, p. 5).

Minha mãe morreu e eu tava aqui internada (também por Covid). Não teve velório, missa de sétimo dia, nada. Fica uma coisa de “ouvir dizer”. Parece que não é realidade... [sic].

(...)

Não teve nada, nada! Disseram pra gente que o corpo só pode ser cremado depois de 48 horas e depois disso tem uma fila pra cremar e até 10 dias pra acontecer. Então a gente nem soube que horas e que dia foi... E nem bem onde ficou o corpo nesse tempo todo. É estranho demais! Não dá pra acreditar... Fica faltando “uma coisa”, parece que ainda vai acontecer [a cerimônia fúnebre]... fica uma pendência, uma expectativa... (Dantas et al., 2020, pp. 516, 517).

Os trechos acima exemplificam como esse período de margem, marcado pela ausência de ritualizações, gerou nos familiares sobreviventes uma sensação de vazio, uma espécie de lacuna na

vida cotidiana. Para que o sujeito possa assimilar a perda, é necessário reconhecer a nova ordem, ou seja, integrar a realidade da vida após o falecimento do ente querido.

Nessa perspectiva, a importância dos rituais fúnebres para o psiquismo baseia-se em compreender a experiência, facilitando as mudanças de papéis e transição do ciclo de vida, bem como em auxiliar o indivíduo a enfrentar a perda concreta, adentrando, assim, no processo de luto, permitindo-lhe também a manifestação coletiva da sua angústia. O ritual é indispensável para aqueles que participam, produzindo um momento de sintonia, de estar juntos, de complacência, de compaixão e renovação, criando uma conexão com o sagrado (Souza & Souza, 2019).

Isto posto, o ritual fúnebre tem uma importância primordial para o início da elaboração do luto, uma vez que disponibiliza recursos para os enlutados simbolizarem seus afetos perante o ente falecido. Assim, esses rituais são vistos como recursos de apoio ao enlutado, proporcionando a despedida, a expressão da dor e reduzindo os possíveis riscos de um luto complicado. A partir da concretização da cerimônia, torna-se possível compartilhar os sentimentos e, desse modo, compreender a perda e as ressignificações, além de criar um espaço para falar sobre os afetos que permeiam o modo como cada um está experienciando o pesar (Giamattey, 2020; Ferreira et al., 2022).

Para que um ato desempenhe a função simbólica de ritual, é necessário que possua valor e significado pessoal. Assim, para algumas pessoas, visitar um cemitério pode constituir um ritual de passagem, enquanto, para outras, o ato de lançar as cinzas em um local específico assume esse papel. Os rituais não se restringem a práticas previamente padronizadas, mas se definem pelo valor simbólico, que é singular a cada sujeito.

Jung (1935/2013), em seu livro “A prática da psicoterapia”, destaca que a mudança de um estágio da vida para outro sempre existiu e que a dificuldade dessa transformação é sentida no nível subjetivo, por isso, como mencionado, a psique possui sistemas que facilitam essas passagens complexas. O autor afirma que, nos níveis mais primitivos, já existiam medidas incisivas para serem executadas nos momentos de transição psíquica, como puberdade, nascimentos, casamentos e a morte.

A observância de todas essas cerimônias, que em nível primitivo ainda se mantêm isentas de influências estranhas, é a mais rigorosa e exata possível, talvez, mais que tudo, para afastar eventuais danos psíquicos que ameaçam nesses momentos, mas além disso também para preparar o iniciando e proporcionar-lhe os ensinamentos necessários à vida. A vida e a

prosperidade de uma tribo primitiva depende muito especialmente da execução consciente das cerimônias (Jung, 1935/2013, p. 112, para. 214).

Diante disso, salienta-se a importância desses rituais na vida psíquica, pois como evidenciado no trecho acima, os povos primitivos seguiam as cerimônias ritualísticas com exatidão, para evitar danos e empecilhos na vida prática da tribo. Conforme argumentado, os rituais fúnebres têm a função de auxiliar na elaboração do luto e na concretização da perda de um ente querido, mas também tem um objetivo de ensinamento, visto que a existência da morte, o medo e a incerteza perante ela sempre assolaram a mente dos sujeitos.

Esse medo e incerteza fazem parte do cotidiano, contudo, a morte e com ela a experiência do luto podem viabilizar transformações e ensinamentos na vida dos indivíduos, por isso toda a importância dos rituais. Como destacado, o ritual é uma forma de simbolização, um mecanismo psíquico que propiciará toda a trajetória do sujeito na vivência do luto, assim, é necessário compreender sua finalidade para a vida psíquica e como ele se manifesta.

Em seu livro "A energia psíquica", Jung (1928/2013) afirma que o símbolo pode transferir a libido para outras formas, permitindo então a passagem para novas atividades. Segundo Jung, "os rituais com que se cercam os objetos sagrados muitas vezes deixam transparecer claramente sua natureza de transformação de energia" (1928/2013, p. 61, para. 92). Essa é a função ritual propriamente dita na psique: permitir não somente a dita simbolização, mas ser o caminho para concretizar a passagem do ente falecido, aprender com ela e poder dar novos significados para o cotidiano após a perda.

Para evidenciar melhor, os arquétipos, em suas formas de potencialidades, permitem a tradução do físico para o psíquico, assim, quando se tem uma perda, algo é mobilizado na psique e a libido pode se condensar em partes do inconsciente, emergindo imagens arquetípicas, neste caso, relacionadas à morte. Logo, a imagem surgirá para o indivíduo, carregada de conteúdo simbólico, e será uma forma de atravessar o período. É aí que se encontra o ritual, como símbolo, a ponte que liga a psique à concretude do mundo, que permitirá que os atos palpáveis sejam experienciados também no psiquismo, possibilitando toda essa transformação (Jacobi, 1957/2016).

Ao se afirmar que a morte pode ser uma forma de crescimento psicológico e a experiência de luto, um meio de transformação na vida dos sujeitos, é preciso compreender a relação que a sociedade mantém com essas questões, para entender as reverberações da pandemia da Covid-19.

## O mistério da morte

A morte aqui é um lenhador. Nas artes plásticas, ela costuma ser representada como uma ceifeira trazendo nas mãos o alfange. Esse tema artístico deriva da iconografia pré-cristã do deus Saturno, que costumava ser retratado como um deus da colheita segurando uma foice. Algo é "ceifado" na morte, é "cortado". A morte é sempre um evento brutal, como bem observa Jung, e "brutal não apenas no sentido físico, mas ainda mais psicologicamente: um ser humano é arrancado de nós e o que resta é o silêncio da morte" (von Franz, 1984/2021, p. 71, destaque da autora).

O ser humano é o único entre os seres vivos que possui consciência da própria finitude, existir é conviver com a certeza da morte. Desde o nascimento, o sujeito já está inserido no processo de morrer, pois a morte integra o ciclo vital e se manifesta em todas as fases da vida. Nesse contexto, ela revela a vulnerabilidade humana e impõe os limites do ser, representando um enigma indecifrável (Giamattey, 2020). Desde as primeiras civilizações, há registros da morte como perda, ruptura e degeneração, mas também como fascínio, viagem, descanso e transcendência (Kovács, 1992). Cada indivíduo, no entanto, constrói sua própria representação da morte, marcada por imagens, crenças e simbolismos singulares.

Na contemporaneidade, valoriza-se uma morte que passe despercebida, rápida e distante dos olhos dos vivos, justamente aquela temida na Antiguidade (Kovács, 1992). A sociedade contemporânea evita se confrontar com a finitude, tornando a morte um fenômeno oculto e esvaziando os rituais que antes lhe davam sentido. Ainda que cerimônias fúnebres existam, perderam sua função simbólica. O homem moderno, voltado à produtividade e à racionalidade, encontra-se alienado de sua própria morte e da reflexão sobre o próprio fim.

O período da pandemia da Covid-19 foi um momento em que a finitude, o contato direto com a morte e o medo da perda assolaram a vida de praticamente toda a população. Além disso, devido à impossibilidade de estar próximo dos entes, evidenciou-se a importância de se realizar as cerimônias fúnebres e de poder viabilizar dignidade ao falecido, destacando as reverberações da ausência da experiência de ritualização e proximidade com o sagrado.

Marie-Louise von Franz, em sua obra "Os sonhos e a morte" (1984/2021, p. 19-20), observa que, em muitas culturas, o homem arcaico e pré-cristão refletiu intensamente sobre o significado do

corpo e sua decomposição na morte, admitindo a existência de um “mistério” imanente ao corpo, associado ao destino pós-morte da alma. Desse modo, pode-se compreender que o senso de identidade dos indivíduos está intrinsecamente ligado ao corpo, razão pela qual o cadáver é percebido como representante do falecido.

Essas considerações são particularmente relevantes para aprofundar a compreensão da relação do ser humano com a morte e da importância dos rituais, uma vez que, durante a pandemia, instaurou-se uma lacuna decorrente da ausência dessas práticas. Esse período de margem esteve intimamente relacionado ao mistério do corpo, pois, muitos enlutados não puderam visualizar o falecido ou sequer ter ciência da procedência de seu corpo. A seguir, apresentam-se relatos que ilustram essa experiência:

Sonhei que vi “ele” [o pai] presencialmente, no caixão... porque só tinha visto por foto. Acho que sonhei porque eu queria tanto ter visto... não ver o corpo contribui para não entender que morreu, parece que não é real. É estranho...

(...)

Eu queria estar com ele nesses dias que ele ficou internado. Essa doença é tão horrível porque não pode visitar, não pode ver, não pode falar. Um carinho, um abraço nessas horas, isso faz muita falta. Mas essa doença tira até isso. É muito triste não poder tocar, não poder ver. Trinta e três dias no hospital sem poder ver e quando sai, sai dentro de um caixão e você ainda não pode ver.

(...)

Mandaram por Covid em todo mundo que morre. E tem caixão sendo enterrado vazio por aí. Meu cunhado queria desenterrar e mandar fazer aquele exame nele [exumação e autópsia] pra provar que não foi essa doença. Mas de que ia adiantar? A gente convenceu “ele” a deixar pra lá... (Dantas et al., 2020, pp. 517, 519, 524).

Todos esses relatos destacam a importância do corpo, de se ter ciência do ocorrido com o cadáver do ente querido. Como se vê nos trechos apresentados, não conhecer o paradeiro pode ocasionar a não aceitação da morte, como também pode levantar outras dúvidas sobre o que aconteceu com a pessoa, gerando cada vez mais angústia para o sujeito e impactos mais negativos no processo de aceitar a perda.

Ainda no que se refere ao simbolismo do corpo, von Franz (1984/2021) discorre sobre os ritos fúnebres do Egito Antigo, fundamentados na crença na ressurreição pós-morte e que envolvem o poder anímico da tumba de Osíris. Os egípcios realizavam diversos rituais de preparação do corpo, de modo semelhante, os primeiros alquimistas também concebiam a tumba não apenas como um sarcófago destinado ao cadáver, mas como um vaso da vida, uma vez que, em numerosas tradições mitológicas, toda a vida brota da água.

Seguindo essa exemplificação, pode-se dizer que o corpo corresponde ao início da assimilação da perda, ao cuidado com o ente querido e com a vida que se foi. Simbolicamente, a tumba de Osíris é aquele lugar misterioso de onde novamente brota a vida, em um processo que, de certo modo, repete a própria criação do mundo, apresentando-se como o princípio de toda a vitalidade e renovação. Assim, o simbolismo do ritual fúnebre pode ser uma possibilidade de mudança e a morte pode ser o começo de uma reorganização da psique para renovar uma nova forma de vida.

A partir dessa ótica, a tão temida morte e suas reverberações dos parentes próximos que falecem podem ser uma ponte para que, de maneira psíquica, possa ocorrer uma transformação e a assimilação de conteúdos, que provoquem um crescimento psicológico. Há ressalvas, contudo, como mencionado por Kovács (1992), a grande maioria das sociedades do mundo contemporâneo perderam a conexão com os rituais, com a função psicológica desses.

Nesse sentido, evidencia-se a relevância dos rituais fúnebres no processo de luto. Como destaca Jung (1928/2013, p. 59, para. 89), a cerimônia mágica confere ao objeto recém-investido a possibilidade de exercer influência sobre a psique, reforçando seu caráter simbólico e transformador. Assim, o período da pandemia da Covid-19 constituiu um exemplo expressivo de como, sobretudo no contexto ocidental, manifesta-se a relação com a morte e o luto, reforçando seus impactos tanto no indivíduo quanto na coletividade.

## O luto e suas reminiscências

O “luto” foi, entretanto, até nossos dias, a dor por excelência cuja manifestação era legítima e necessária. As designações arcaicas da palavra dor permaneceram na língua, mas como sentido restrito que reconhecemos a palavra luto. Muito antes de ter recebido um nome, a dor diante da morte de alguém próximo já era a

expressão mais violenta dos sentimentos mais espontâneos (Ariès, 1975/2012, p. 227, destaque do autor).

O luto é uma resposta inerente à dissolução de um vínculo significativo, não se restringindo à morte, mas incluindo perdas como separações ou aposentadorias. Trata-se de um processo subjetivo e contextual, pois somente há perda quando há afeto pelo que foi perdido. Conceituações mais recentes compreendem o luto como um conjunto de reações diante de perdas, uma experiência inevitável, inesperada e incerta, que escapa à lógica racional. Para este estudo, o luto é entendido como um processo natural de ressignificação da relação com o ente falecido, viabilizando sua elaboração. O objetivo não é o retorno à normalidade anterior, mas a assimilação da perda na vida do enlutado, possibilitando a continuidade da existência com uma nova organização da rotina e a manutenção de um vínculo simbólico e saudável com o ente perdido (Bousso, 2011).

Os fatores circunstanciais são aqueles que inviabilizam o luto de uma pessoa ou dificultam a sua conclusão de forma satisfatória, tais como a perda incerta, que ocorre quando a pessoa morre sem que a morte seja confirmada visivelmente, não sendo encontrado, portanto, o corpo do indivíduo. Assim, o enlutado não reconhece a morte, uma vez que não confirmou visivelmente a perda de seu ente querido. Em razão disso, o luto torna-se inconclusivo, gerando um fator complicador para as relações do sujeito consigo e com a ideia de morte. Outra razão, chamada de sobrecarga de luto, ocorre quando as pessoas sofrem perdas subsequentes, ou seja, quando falece o pai, um irmão, outros membros da família, amigos, em períodos curtos e em pouco intervalo de tempo (Taverna & Souza, 2014).

Logo, no que se refere ao período da pandemia da Covid-19, constata-se que foi um momento em que a maioria dos fatores circunstanciais citados esteve presente, o que, como ressaltado ao longo do texto, ocasionou grandes angústias, as quais reverberam na psique por tempo indeterminado, considerando-se também os fatores culturais da relação que o sujeito possui com a morte. Seguem-se mais relatos do período:

Cheguei na SETEC [Serviços Técnicos Gerais – órgão público municipal responsável pela administração dos cemitérios municipais e seus velórios] e me perguntaram: “você aqui outra vez?”. Falei: “vocês acreditam?” Em alguns meses enterrei três familiares....

(...)

Já vai fazer um mês que ele se foi (o marido), mas ainda parece que ele está aqui, que vai chegar a qualquer hora. Ainda tenho uma ilusão de que não seja verdade. (...) Até cair a ficha que ele morreu, acho que ainda está no hospital. Enquanto não estou vendo nada dele, ele ainda está lá...

(...)

Parece que nem deu tempo de sofrer por uma perda, daí tem que ser forte para o outro que está internado... depois sofria pelo outro e já tinha que ser forte de novo... Parece que você está sofrendo por todos e não está sofrendo direito por nenhum ao mesmo tempo (Dantas et al., 2020, p. 522, 517, 522).

Em vista disto, mortes inesperadas são especialmente complicadas, pela sua característica de ruptura brusca, sem a chance de haver algum preparo. Além disso, em casos de morte repentina, quando não há informações de como ocorreu, pode haver dificuldades no processo de luto consciente. Dessa forma, a elaboração da perda torna-se um processo complexo com reverberações psíquicas que podem ser ruins e é nessa questão, que os rituais fúnebres e sua função de símbolo tornam-se fundamentais, uma vez que é um meio pessoal, mas também cultural, de expressar as emoções (Kovács, 1992).

Para Edward F. Edinger (1989/2020), o luto é causado pela perda de um objeto ou pessoa que carregava um valor projetado importante; para assimilá-lo, é necessário vivenciar a perda dessa projeção e reintegrar o conteúdo à própria psique, em um processo de crescimento interior. Nesse sentido, a elaboração do luto implica aceitar a inevitabilidade da morte e realizar um doloroso desligamento dos sentimentos, lembranças e expectativas vinculadas ao morto. Trata-se de um teste de realidade que confirma a ausência definitiva do objeto, exigindo o desinvestimento afetivo de cada vínculo. Embora difícil e, por vezes, permeado pela fantasia de que a perda não ocorreu, como se evidenciou no contexto da pandemia, esse processo permite que o sujeito mantenha-se aberto para novas possibilidades de vínculo, ao mesmo tempo em que resgata o valor simbólico perdido como parte da própria totalidade psíquica.

Mais especificamente, esse desligamento refere-se ao processo de assimilação da perda do ente querido, bem como à reorganização dos próprios sentimentos para prosseguir com a rotina e conviver com a ausência. Nesse contexto, conforme explica Jacobi (1957/2016, p. 119), o símbolo pode avançar de síntese em síntese, transformando a libido de forma contínua,

redistribuindo-a, conduzindo-a a atividades significativas e viabilizando novos significados para a psique.

O luto suscita uma reação em cadeia, a alma é inundada pela dor e se desorganiza com a perda, ou seja, o enlutado está reagindo a uma situação de perigo iminente, que representa o perigo da perda de si mesmo. Logo, a morte não é sinônimo de um ponto final, mas um singular meio de transformação, que a razão não pode compreender, por isso, para elaborar a perda e integrá-la, a fim de aceitar a morte do outro e a própria finitude, o indivíduo é impelido a agregá-la de alguma forma mediante o universo simbólico (Guarnieri, 2022/2023).

O sofrimento do luto mobiliza a ação do inconsciente, possibilitando a reorganização da psique, quer dizer, nega-se a morte e algo profundo no inconsciente emerge para uma busca de sentido cada vez maior. Jung (1947/2013) afirma que “nunca a questão do sentido e do valor da vida se torna mais premente e mais dolorosa do que quando vemos o último alento abandonar um corpo que ainda há pouco vivia” (p. 361, para. 796). O fato de o sujeito rejeitar a morte, como uma defesa psíquica, revela a presença de uma tensão, que tipifica que o indivíduo está em conflito e possui, dentro de si, a capacidade de superação (Guarnieri, 2022/2023).

Assim, Jung (1964/2016), em “O homem e seus símbolos”, concebe a psique como um sistema de autorregulação, fundamentado na existência de polos opostos, que busca manter o equilíbrio entre essas qualidades contrastantes, enquanto promove, de forma constante, o crescimento do indivíduo. Nessa perspectiva, o ritual fúnebre, entendido como símbolo, exerce plenamente sua função de transformação da energia psíquica, conforme já discutido ao longo do texto.

Mais concretamente, o psiquismo, enquanto sistema autorregulador, possui, na experiência do luto, a capacidade de transformar essa vivência em crescimento psicológico por meio da função do símbolo. Segundo Jacobi (1957/2016), o símbolo une os opostos e, simultaneamente, os transcende, permitindo que, em seguida, se separem novamente de modo a evitar rigidez ou estagnação. Dessa forma, mantém-se a vida psíquica em fluxo constante, conduzindo-a em direção ao objetivo ao qual está destinada.

Como dito, o símbolo possui, em seu núcleo, uma imagem arquetípica, manifestada sempre que um arquétipo se mobiliza. O luto e a morte constituem temas arquetípicos, uma vez que o ser humano lida com essas experiências desde os primórdios. Dessa forma, ao vivenciar tais experiências, os indivíduos têm suas imagens arquetípicas impulsionadas à consciência na forma de

conteúdos simbólicos. No que se refere à morte, ela está indissociavelmente relacionada à vida, pois uma não existe sem a outra e é nesse contexto que atua o sistema de autorregulação da psique.

Para estabelecer uma imagem arquetípica madura, é necessário que o indivíduo reconheça o valor subjetivo dessas imagens, mesmo quando parecem representar obstáculos à sua vida, assimilando-as à própria psicologia e descobrindo de que forma fazem parte de si (Jung, 1935/2017). Assim, as imagens simbólicas e arquetípicas não apenas representam experiências de luto e morte, como também possibilitam a integração psíquica, permitindo que o sujeito compreenda, internalize e transforme essas vivências em crescimento psicológico.

Logo, vida e morte podem ser encaradas como polos opostos, e o luto, enquanto experiência de conflito entre esses estados, constitui uma oportunidade de transformação psicológica, uma vez que o símbolo oferece um caminho de assimilação capaz de auxiliar na reorganização psíquica. Dessa forma, esse período, frequentemente percebido como assombroso, pode propiciar uma passagem que amplie a forma como o sujeito vive e se relaciona consigo mesmo e com os outros, considerando que a morte permanece como parte integrante do ciclo da vida.

## Considerações finais

O espaço do artigo certamente é pequeno para poder expressar a dimensão do tema e sua complexidade, considerando-se ainda que as reverberações do período da pandemia da Covid-19 estão começando a se manifestar e a se tornarem evidentes nestes anos. Assim, espera-se que a importância dos rituais para a psique e para a sociedade tenha ficado notória, visto que sua propriedade simbólica está intimamente vinculada à base estrutural do psiquismo, para auxiliar o sujeito a atravessar as etapas da vida e dar novos significados para as experiências.

Como discutido, a morte é um tema recorrente e, na pandemia, viu-se a eclosão de óbitos e incertezas no cotidiano da sociedade, uma sociedade que é permeada pelas óticas imediatistas e pelo pensamento das certezas de sua rotina. Este estudo permitiu reflexões e conclusões sobre o impacto do tema da morte para o homem moderno, como abordado por Kovács (1992), destacando como essa relação pode constituir um desafio à vida do sujeito e ressaltando a relevância dos ritos, em especial os rituais fúnebres, para a psique.

A morte, enquanto realidade concreta e tema arquetípico, está sempre presente e a vivência do luto e das ritualizações, ou da sua

ausência, estabelece uma relação recíproca com a psique, que pode ser analisada sob a perspectiva da psicologia analítica. Além disso, evidencia-se toda a função do símbolo, com o ritual fúnebre como um meio de simbolização, bem como o valor da conexão com o sagrado, ressaltando a importância de ritos e cerimônias que possuem significado subjetivo para cada indivíduo, afinal, como afirma Jung (1947/2013), “Se atribuímos uma finalidade e um sentido à ascensão da vida, por que não atribuímos também ao seu declínio?” (p. 365, para. 803).

O luto é um fenômeno psíquico que envolve múltiplas mudanças de perspectiva e a interiorização do ente perdido, ou seja, para que o indivíduo possa dar continuidade à sua vida após a perda, é fundamental que os conteúdos da relação, agora impossível de ser vivenciada, sejam assimilados em sua totalidade pela psique. Dessa forma, o presente estudo não pretendeu estabelecer parâmetros de patologia, nem formas mecânicas e padronizadas de experienciar esse sentimento, mas deixar evidente que o luto e a morte são experiências típicas do ser humano e que a vida simbólica do sujeito e da sociedade não pode ser desconsiderada, pois constitui o âmago da atribuição de significado às adversidades e à existência como um todo.

## Referências

- Ariès, P. (2012). *História da morte no Ocidente: da Idade Média aos nossos dias* (P. V. Siqueira, Trad.). Nova Fronteira. (Trabalho original publicado em 1975).
- Bousoo, R. S. (2011). A complexidade e a simplicidade da experiência do luto [Editorial]. *Acta Paulista de Enfermagem*, 24(3), vii-viii. <https://doi.org/10.1590/S0103-21002011000300001>.
- Cardoso, É. A. O., Silva, B. C. A., Santos, J. H., Lotério, L. S., Accoroni, A. G., & Santos, M. A. (2020). Efeitos da supressão de rituais fúnebres durante a pandemia de covid-19 em familiares enlutados. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, 28, e3361. <https://doi.org/10.1590/1518-8345.4519.3361>.
- Dantas, C. R., Azevedo, R. C. S., Vieira, L. C., Côrtes, M. T. F., Federmann, A. L. P., Cucco, L. M., Rodrigues, L. R., Domingues J. F. R., Dantas, J. E., Portella, I. P., & Cassorla, R. M. S. (2020). O luto nos tempos da covid-19: desafios do cuidado durante a pandemia. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 23(3), 509-533. <https://doi.org/10.1590/1415-4714.2020v23n3p509.5>.
- Edinger, E. F. (2020). *Ego e arquétipo: uma síntese fascinante dos conceitos fundamentais de Jung* (A. U. Sobral, Trad.) Pensamento Cultrix. (Trabalho original publicado em 1989).
- Eliade, M. (1972). *Mito e realidade* (P. Civelli, Trad.). Perspectiva. (Trabalho original publicado em 1963).

- Ferreira, K. M., Neves, L. M., & Santos, Q. S. (2022). A função dos ritos fúnebres para o processo de luto em familiares de brasileiros mortos pela covid-19: uma revisão sistemática [Trabalho de Conclusão de Curso, UniFG]. Repositório Institucional. <https://repositorio.animaeducacao.com.br/handle/ANIMA/30600>.
- Giamattey, M. E. P. (2020). Processo de luto diante da ausência de ritual fúnebre na pandemia da covid-19: análise documental jornalismo online [Dissertação de mestrado profissional, Universidade Federal de Santa Catarina]. Repositório Institucional. <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/219504>.
- Guarnieri, M. C. M. (2023, janeiro 03). O luto e o silêncio da morte: como lidar com o luto?. Instituto Junguiano de Ensino e Pesquisa. Recuperado em 29 de setembro de 2025, de <https://blog.ijep.com.br/o-luto-e-o-silencio-da-morte/>. (Trabalho original publicado em 2022).
- Jacobi, J. (2016). Complexo, arquétipo e símbolo M. C. Mota, Trad.). Vozes. (Trabalho original publicado em 1957).
- Jaffé, A., Frey-Rohn, L., & von Franz, M.-L. (1980). A morte à luz da psicologia (A. Mutzenbecher, Trad.). Cultrix.
- Jung, C. G. (2013). A energia psíquica (14a ed., OC, Vol. 8/1). Vozes. (Trabalho original publicado em 1928).
- Jung, C. G. (2013). A natureza da psique (10a ed., OC, Vol. 8/2) Vozes. (Trabalho original publicado em 1947).
- Jung, C. G. (2013). A prática da psicoterapia (16a ed., OC, Vol. 16/1). Vozes. (Trabalho original publicado em 1935).
- Jung, C. G. (2014). Psicologia do inconsciente (24a ed., OC, Vol. 7/1). Vozes. (Trabalho original publicado em 1916).
- Jung, C. G. (2016). O homem e seus símbolos (3a ed.) (M. L. Pinho, Trad.). HarperCollins. (Trabalho original publicado em 1964).
- Jung, C. G. (2017). Os fundamentos da psicoterapia analítica (A. Elman, & E. Orth, Trad.). Vozes. (Trabalho original datilografado das Conferências de Tavistock em 1935).
- Kovács, M. J. (1992). Morte e desenvolvimento humano. Casa do Psicólogo).
- Minayo, M. C. (2007). Pesquisa Social: teoria, método e criatividade (26a ed.). Vozes. (Trabalho original publicado em 1993).
- Ministério da Saúde (BR). (2020). Linha do tempo: Ministério da Saúde e o enfrentamento da pandemia de covid-19. Ministério da Saúde. Recuperado em 29 de setembro de 2025, de <https://www.gov.br/saude/pt-br/coronavirus/linha-do-tempo>.
- Pieri, P. F. (2002). Dicionário junguiano. Vozes. (Trabalho original publicado em 1998).
- Silveira, N. (2023). Jung: vida e obra. Paz e Terra. (Trabalho original publicado em 1968).

- Souza, C. P., & Souza, A. M. (2019). Rituais fúnebres no processo do luto: significados e funções. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 35, e35. <https://doi.org/10.1590/0102.3772e35412>.
- Taverna, G., & Souza, W. (2014). O luto e suas realidades humanas diante da perda e do sofrimento. *Caderno Teológico da PUCPR*, 2(1), 132-149. <https://doi.org/10.7213/2318-8065.07.01.p132-149>.
- van Gennep, A. (2011). *Os ritos de passagem* 3a ed.) (M. Ferreira, Trad.; R. Matta, Apres.). Vozes. (Trabalho original publicado em 1909).
- von Franz, M.-L. (2021). *Os sonhos e a morte: uma visão da psicologia analítica sobre os múltiplos simbolismos do estágio final da vida*2a ed.) (R. Gambini, Trad.). Cultrix. (Trabalho original publicado em 1984).
- World Health Organization. (2020). *Coronavirus disease (covid-19) pandemic*. Recuperado em 29 de dezembro de 2025, de [https://www.who.int/europe/redirect-pages/navigation/emergencies/focus-on/coronavirus-disease-\(covid-19\)-pandemic](https://www.who.int/europe/redirect-pages/navigation/emergencies/focus-on/coronavirus-disease-(covid-19)-pandemic).

---

**Minicurrículos:**

**Ellen Lavínia de Souza Franco** – Graduanda em Psicologia pela Universidade do Vale do Sapucaí – UNIVÁS. Pouso Alegre/MG, Brasil. E-mail: [psicoellenlavinia@gmail.com](mailto:psicoellenlavinia@gmail.com)

**Victor Hugo Sampaio Alves** – Doutorado e mestrado em Ciências das Religiões pela Universidade Federal da Paraíba – UFPB; graduação em Psicologia pela Universidade do Vale do Sapucaí – UNIVÁS. Professor de Psicologia na UNIVÁS. Pouso Alegre/MG, Brasil. E-mail: [victorweg77@gmail.com](mailto:victorweg77@gmail.com)